

No caminho do caos



Por **JOSÉ LUÍS FIORI***

O direito à guerra das grandes potências, herança westfaliana, acelera a corrida ao abismo e consolida um império do caos sob a hegemonia norte-americana

1.

Na última semana de 2025, o sistema mundial entrou em estado de hipertensão caótica. Em apenas sete dias, e quase simultaneamente, os Estados Unidos fecharam o cerco marítimo e proibiram a circulação aérea sobre a Venezuela, sem que os dois países estivessem em guerra. A China cercou a ilha de Taiwan e realizou um exercício de guerra com fogo real, incluindo a interdição de alguns segmentos de seu espaço aéreo, em resposta às ameaças militaristas do Japão.

A Ucrânia atacou a casa do presidente russo Vladimir Putin, na região de Novgorod, utilizando 91 drones e com apoio da inteligência inglesa e norte-americana. A Rússia anunciou que seu novo sistema de mísseis Oreshnik - indefensáveis e com capacidade nuclear - estava pronto para uso imediato, em resposta ao ataque da Ucrânia, a poucos minutos de distância de Berlim, Paris e Londres. Os Estados Unidos bombardearam o território da Nigéria e anunciaram novos ataques aéreos em caso de necessidade, segundo seu arbítrio.

A Arábia Saudita bombardeou o Iêmen, sem que houvesse declaração de guerra. Inglaterra e França bombardearam o território da Síria sem aviso prévio. E por fim, os Estados Unidos atacaram o território venezuelano e sequestraram seu presidente, Nicolás Maduro. O mais impactante foi sem dúvida o rapto do presidente venezuelano, seguido - como em outros ataques américas - de um *tweet* de Donald Trump, contendo ameaças e difundindo o medo que é uma peça essencial no exercício do poder. Assim mesmo, o ataque em si não representa uma novidade nas relações dos EUA com a América Latina, muito menos na história do "sistema interestatal" inventado pelos europeus.

Os defensores do Direito Internacional em geral falam muito pouco, ou omitem diretamente uma de suas cláusulas fundamentais, a "cláusula de exclusão de ilicitude", que garantiu às Grandes Potências do sistema interestatal (nunca mais do que quatro ou cinco) o "direito" autoatribuído e a impunidade para de atacar e invadir o território de outros países, sem respeitar o "direito à soberania" considerado como a "pedra angular" do sistema de estados nacionais consagrada pelos europeus através da chamada Paz de Westfália, assinada em 1648.

2.

A Inglaterra e a França usaram e abusaram deste "direito à invasão" nos últimos 200 anos, e acabaram de bombardear a o território da Síria, sem nenhum tipo de permissão internacional, por sua livre e exclusiva vontade. Os Estados Unidos ingressaram neste pequeno clube dos países "com direito à invasão de terceiros", em meados do século XIX, quando se apropriaram dos territórios mexicanos da Califórnia e do Texas, e iniciaram sua escalada imperial, após a guerra contra a Espanha, em 1898, seguida pela conquista de Cuba, Filipinas, República Dominicana, Haiti, Nicarágua, Panamá e Porto

a terra é redonda

Rico – este segue até hoje sob o domínio norte-americano.

Em 1942, o geopolítico norte-americano Nicholas Spykman publicou uma obra fundamental¹ para entender a estratégia internacional dos EUA depois da Segunda Guerra Mundial. Nicholas Spykman sustenta teses e faz propostas geopolíticas que reaparecem a cada momento por trás do discurso aparentemente errático e confuso de Donald Trump e do seu Secretário de Estado, Marco Rubio.

Nicholas Spykman considerava que o Caribe e o Golfo do México faziam parte de um mesmo “mar interior” dos Estados Unidos, no qual Mexico, Colômbia e Venezuela deveriam estar sob dependência direta dos Estados Unidos, por razões de segurança nacional, sem necessitar de nenhum tipo de justificativa doutrinária ou ideológica. Quase a mesma ideia que reaparece textualmente na nova “Estratégia de Segurança Nacional” dos Estados Unidos, divulgada pelo governo de Donald Trump no início de dezembro de 2025.

O texto da “nova estratégia” contém inconsistências e carrega a marca da pressa e da colagem de várias posições que não são convergentes entre si. Mas não há dúvida de que a parte dedicada ao Hemisfério Ocidental foi escrita e incluída de forma apressada para justificar a ocupação militar americana do Caribe, e o seu ataque futuro à Groenlândia que também fica dentro do chamado Hemisfério Ocidental. E neste ponto não há que ter dúvidas: enquanto durar o governo de Donald Trump, depois do ataque à Venezuela, o que se deve prever é um assédio constante ao México, e um ataque com a proposta de submissão de Colômbia, Nicarágua e Cuba – neste caso, com o objetivo de destruir a própria memória da Revolução Cubana.

3.

Mas não é provável que ocorra nenhuma intervenção militar no resto da América do Sul – nem seria necessário, porque a maioria dos governos sul-americanos já está de joelhos por vontade própria, aceitando a instalação de bases militares em seus territórios que assegurem, no longo prazo, o cerco militar da massa continental, e do Brasil em particular. Os demais países sul-americanos não têm maior importância geopolítica e não representam nenhuma ameaça de fato para os Estados Unidos, a despeito da presença econômica da China.

Apesar do alvoroço em torno da questão hemisférica, amplificado pelo ataque à Venezuela, o verdadeiro interesse e o objetivo central da Nova Estratégia de Segurança dos Estados Unidos não é a América Latina, mas a conquista da Groenlândia, a destruição da União Europeia, o esvaziamento da OTAN e a proposta de um novo *modus vivendi* com a Rússia e a China. É possível que Donald Trump jamais tenha lido Nicholas Spykman, nem conheça sua tese de que o domínio mundial dos EUA dependerá de sua capacidade de construir um cerco militar em torno da “massa continental” eurasiana.

Mas não há dúvida de que este é um objetivo central da proposta de Donald Trump, de incorporar a Groenlândia ao território norte-americano, completando o cerco atômico da Rússia e da China pelo lado do Ártico, onde estaria a nova grande fronteira geopolítica e geoeconômica do mundo. Com o avanço do degelo das regiões polares, o Ártico aparece como importante “ponto de fuga” do sistema, por onde se poderá escoar a energia criada pela intensificação da luta entre as grandes potências. E onde deverão se multiplicar os novos espaços de competição entre as grandes corporações do capitalismo global.

A proposta de deslocamento ao norte da “fronteira russa” da disputa do poder global explica em boa medida o ataque demolidor da “Nova Estratégia” de Donald Trump contra a União Europeia, contra o formato atual da OTAN e contra todos os valores cultivados pela “ética internacional” e pelo “universalismo” da cultura europeia. O novo documento fala explicitamente em devolver a Europa à sua velha condição de “mosaico” de pequenos Estados independentes e competitivos entre si, de forma a facilitar sua tutela bilateral pelos Estados Unidos.

Muitos analistas consideram que esse novo documento estratégico americano contém uma proposta implícita de

a terra é redonda

construção de uma nova “ordem mundial” multipolar e multicivilizatória, sustentada por três grandes impérios ou “zonas de influência”, que seriam comandados por Estados Unidos, China e Rússia. Alguns fatos recentes, entretanto, e algumas outras realidades consolidadas parecem contradizer esta tese e reforçar uma hipótese diametralmente oposta.

4.

Em primeiro lugar, há que ter presente que os Estados Unidos ainda são a única potência no mundo que possui e comanda uma infraestrutura militar global, com capacidade de intervenção imediata em quase todas as latitudes.

Em cima disso, o presidente Donald Trump acaba de anunciar para 2027 um aumento de 50% do orçamento militar norte-americano, no valor de 1,5 trilhão de dólares. Faz alguns meses Donald Trump já havia anunciado um programa de 830 bilhões de dólares para a criação um sistema de defesa aérea “impenetrável”, que ele chamou de *Golden Dome*, e um ambicioso projeto de modernização da Marinha dos Estados Unidos, o *Golden Fleet*, que se propõe a construir uma nova geração de navios de guerra integrando tecnologia de Inteligência artificial, lasers e armas hipersônicas, para garantir a supremacia marítima dos Estados Unidos. Além disso, no dia a dia da gestão de sua política externa, Donald Trump tem feito questão de demonstrar um poder universal de arbitragem e intervenção direta e instantânea em qualquer lugar do mundo, explicitando sua ingerência externa nos assuntos políticos nacionais de vários países.

Um conjunto de decisões que não apontam para um poder compartilhado; pelo contrário, explicitam uma decisão clara de centralização do poder, e de cerco e contenção da China e da Rússia. No máximo, um oligopólio tripolar com dominância em última instância dos Estados Unidos. Ou seja, ao contrário do que muitos pensam, o projeto estratégico de Donald Trump que está em pleno curso, representa uma aposta ainda mais radical na conquista unipolar de um império militar global, capaz de impor pela força as regras do jogo e a arbitragem final dos Estados Unidos, regras e arbítrio que poderão variar a cada momento, segundo os interesses e a vontade circunstancial dos Estados Unidos.

Esse projeto, entretanto, deverá provocar uma forte reação contrária da China e da Rússia, e talvez da própria Europa, e deverá estimular a multiplicação das potências atômicas ao redor do mundo. Além disso, no médio prazo, deve incentivar o uso da força em todo e qualquer conflito ou disputa regional, uma vez que a nova regra imposta pela potência dominante, é a da imposição da vontade dos mais fortes, por cima de qualquer lei ou inibição ideológica. Um caminho seguro, quase direto, na direção do caos.

***José Luís Fiori** é professor emérito da UFRJ. Autor, entre outros livros, de *Uma teoria do poder global* (Vozes) [<https://amzn.to/3YBLfHb>]

Publicado originalmente no Boletim do *Observatório internacional do século XXI*, nº. 15, janeiro de 2026.

Nota

[1] Spykman, N. *America's Strategy in World Politics*. New York: Harcourt, Brace and Company, 1942

a terra é redonda

a terra é redonda
existe graças aos nossos leitores e apoiadores
Ajude-nos a manter esta ideia.
[CLIQUE AQUI](#) ➔ [**CONTRIBUA**](#)

A Terra é Redonda